

# A Subversão da Dialética: O Legado de Hegel em Marx e nos Estudos Contemporâneo

The image features two portraits of prominent philosophers. On the left is Karl Marx, depicted with his characteristic long, white beard and hair, wearing a dark coat over a white shirt. On the right is Georg Hegel, shown with a more youthful appearance, wearing a dark coat and a white cravat. The portraits are set against a dark, textured background.

Iraê César Brandão

2025

# A Subversão da Dialética: O Legado de Hegel em Marx e nos Estudos Contemporâneo

## *The Subversion of Dialectics: Hegel's Legacy in Marx and Contemporary Studies*

Irae César Brandão<sup>1</sup>

[iraecbrandao@gmail.com.br](mailto:iraecbrandao@gmail.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-2079-0615>

**Abstract:** *This essay presents a comparative analysis of the philosophies of Hegel and Marx, focusing on dialectics, ideology, and the formation of subjectivity. The main objective is to understand how Marx subverts Hegel's method by proposing historical materialism, and how this shift influences later social theories. The study was conducted through bibliographic research based on classical and contemporary authors. The findings indicate that, although both authors share a dialectical foundation, they develop distinct perspectives on history, knowledge, and social reality. The analysis highlights the ongoing relevance of their philosophical legacies to the human sciences.*

**Keywords:** *Hegel. Marx. Dialectics. Ideology. Historical materialismo.*

**Resumo:** O presente ensaio propõe uma análise comparativa entre os pensamentos de Hegel e Marx, com foco na dialética, na ideologia e na constituição da subjetividade. O objetivo é compreender como Marx subverte o método hegeliano ao propor o materialismo histórico-dialético e como isso influencia teorias sociais posteriores. A pesquisa foi conduzida por meio de estudo bibliográfico com autores clássicos e contemporâneos. A partir da leitura crítica das obras e interpretações, se conclui que, embora partam de uma matriz comum, os autores desenvolvem perspectivas distintas sobre história, conhecimento e realidade social. A análise evidencia o valor contínuo de seus legados filosóficos para as ciências humanas.

**Palavras-chave:** Hegel. Marx. Dialética. Ideologia. Materialismo histórico.

## 1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do pensamento filosófico ocidental foi profundamente impactado pelas contribuições de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Marx. Ambos os autores representam momentos distintos da história do pensamento moderno, sendo, contudo,

---

<sup>1</sup> [1] Graduado em Gestão de TI pela UNICSUL; MBA Executivo em Segurança Cibernética pela FI e MBA Executivo em Gestão Estratégia de *Marketing*, Planejamento e Inteligência Competitiva pela Fac. Iguaçu; Especialista em: Linguagens e suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela UFPI, Matemática e suas Tecnologias pela UFPI; Uso Educacional da Internet pela UFLA, Docência do Ensino Superior e Neuropsicologia pela Faculdade, Docência em Administração pela Faculdade, Docência para Educação Profissional e Tecnológica pela Faculdade; Empresário em Tecnologia e Segurança da Informação (2001-2025) e Professor na rede Estadual de Ensino — disciplina TI em Curso Técnico.

interligados por uma base comum: *a dialética*<sup>2</sup>. Hegel elaborou uma *filosofia idealista*<sup>3</sup>, centrada no *desenvolvimento do Espírito absoluto*<sup>4</sup> por meio de contradições sucessivamente superadas; Marx, ao se apropriar desse método, propôs sua inversão crítica, estabelecendo o *materialismo histórico-dialético*<sup>5</sup> como instrumento de análise das relações sociais concretas.

A partir dessas premissas, a proposta neste ensaio foi a investigação dos pontos de convergência e ruptura entre o hegelianismo e o marxismo, à luz da discussão de conceitos centrais como dialética, ideologia, história e subjetividade. A pesquisa bibliográfica foi orientada pelas contribuições de autores clássicos e contemporâneos, que ampliam a compreensão das categorias elaboradas por Hegel e Marx, considerando seus desdobramentos no campo da teoria social e política.

Diante dessa proposta, o estudo foi guiado pelas seguintes questões norteadoras: De que maneira Marx transforma a dialética hegeliana ao construir seu método materialista histórico-dialético? Como os conceitos de ideologia, história e subjetividade são abordados por Hegel e Marx, e reinterpretados por autores contemporâneos?

A escolha do tema se justifica pela importância contínua das categorias filosóficas desenvolvidas por Hegel e Marx na análise crítica das estruturas sociais, especialmente em períodos de crises políticas, desigualdades e conflitos ideológicos. A compreensão dessas ideias é essencial para a formação crítica de estudantes e pesquisadores das ciências humanas, proporcionando uma base sólida para a reflexão sobre a complexidade das dinâmicas sociais contemporâneas.

Entre as limitações deste ensaio, se destacou a vastidão das obras de Hegel e Marx, cuja complexidade impede uma abordagem exaustiva neste formato. Também não foram incluídas

---

<sup>2</sup> Dialética - pode significar a arte de debater, de persuadir, tendo então uma estreita relação com a retórica. Em suma, podemos dizer que a dialética é uma espécie de movimento da argumentação com fundamento no intelecto e na razão. No entanto, ela sofreu transformações ao longo do tempo de acordo com cada pensador.

<sup>3</sup> Filosofia idealista — na filosofia de Hegel, também conhecida como idealismo absoluto ou dialético, postula que a realidade é essencialmente espiritual, ou seja, baseada em ideias ou conceitos. Ele defende que a realidade é um processo de desenvolvimento e evolução da ideia, onde o mundo finito é uma manifestação ou reflexo da ideia universal e absoluta (HEGEL, 2014).

<sup>4</sup> Desenvolvimento do Espírito Absoluto — na filosofia de Hegel, se refere à evolução da consciência humana e da realidade para a plena compreensão da sua própria natureza e da unidade subjacente a tudo. É um processo dialético que culmina em um saber absoluto, onde o espírito se reconhece como a totalidade e a razão como a força motriz da realidade (LUDWIG & GIACHINI, 2017; HEGEL, 2014).

<sup>5</sup> Materialismo Histórico Dialético — MHD — é uma teoria que analisa a história e as sociedades humanas, considerando que a matéria e a produção material são as bases das transformações sociais. Essa teoria, desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels, busca entender as relações de produção e as lutas de classes como motores da história. O MHD também incorpora a dialética, um método de análise que enfatiza a interação entre elementos opostos e a evolução através de conflitos (MARX, 2013; BRASIL ESCOLA, 2025).

comparações com outras correntes filosóficas de sua época, nem aproximações com estruturas sociais contemporâneas — escolhas que, embora relevantes, extrapolariam os objetivos propostos. Se Soma a isso a multiplicidade de interpretações possíveis, que exige recortes teóricos e metodológicos rigorosos, além de limitações de tradução e acesso a fontes primárias que podem restringir parte da análise.

## 2. PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS

### 2.1. Autores e Paradigmas: Uma Classificação Conceitual

#### 2.1.1 Georg Wilhelm Friedrich Hegel [1770–1831]

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em 27 de agosto de 1770, na cidade de Stuttgart, então parte do Sacro Império Romano-Germânico, hoje localizada na Alemanha. Sua vida coincidiu com um período de profundas transformações sociais, políticas e intelectuais, marcado pelo Iluminismo, pela eclosão da Revolução Francesa em 1789 e pelas Guerras Napoleônicas (1803–1815), eventos que influenciaram significativamente seu pensamento filosófico. Faleceu em 14 de novembro de 1831, em Berlim.

Hegel foi um dos principais representantes do idealismo alemão e sua filosofia teve grande impacto nas áreas da lógica, metafísica, política, história e estética. É amplamente conhecido por seu método dialético, que entende o desenvolvimento da realidade, do pensamento e da história como um processo contraditório de *tese*, *antítese* e *síntese*<sup>6</sup>.



Fonte: Adaptado de Álbum / Universal History Archive/Universal Images Group

**Figura 1: Retrato representativa de Georg Wilhelm Friedrich Hegel**

<sup>6</sup> Tese, antítese e síntese — são os três momentos essenciais do processo dialético, um método de análise que descreve o desenvolvimento do pensamento e da realidade. A tese é uma afirmação inicial, a antítese é a negação ou oposição a essa tese, e a síntese é a resolução ou reconciliação entre as duas, criando um nível de compreensão.

- i. Eventos que o influenciaram:
  - A Revolução Francesa foi um marco importante para Hegel. Ele a viu como a realização da liberdade racional na história — mas também percebeu seus limites quando a violência tomou conta.
  - O fim do feudalismo e o surgimento do Estado moderno moldaram sua visão da sociedade.
- ii. Ideias principais:
  - Hegel acreditava que a realidade é dialética, ou seja, tudo se desenvolve a partir de contradições que se resolvem em um novo estágio superior — *tese, antítese e síntese* — (HEGEL, 2014).
  - Propôs que a história da humanidade é o processo do Espírito — *Geist*<sup>7</sup> — em busca de liberdade e razão.
  - Defendia que o Estado é a forma superior da vida ética, onde a liberdade individual se realiza.
  - Buscava compreender como a *liberdade humana* se desenvolve historicamente, e como a razão pode organizar a vida social. Ele tentava dar sentido ao caos de sua época, vendo a história como um caminho lógico de emancipação espiritual e política.
- iii. Citações e Obras Relevantes: *Fenomenologia do Espírito* (1807), *Princípios da Filosofia do Direito* (1820).

### 2.1.2. Karl Marx (1818–1883)

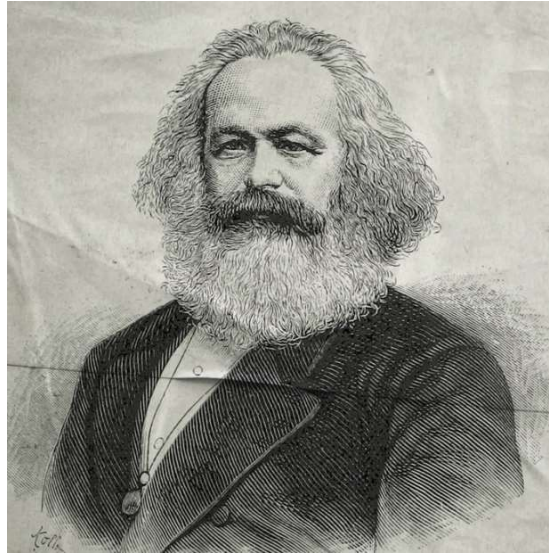
Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818, na cidade de Trier, localizada na então Prússia Renana, atualmente parte da Alemanha. Viveu em pleno contexto da Revolução Industrial, um período de intensas transformações tecnológicas e produtivas, que também evidenciou profundas desigualdades sociais, como o aumento da exploração do trabalho infantil, a precarização das condições de vida dos operários e a expansão da miséria urbana. Faleceu em 14 de março de 1883, em Londres, cidade onde passou seus últimos anos em exílio político.

Marx foi filósofo, economista, historiador e revolucionário socialista, sendo considerado um dos pensadores mais influentes do século XIX. Desenvolveu, junto a Friedrich

---

<sup>7</sup> *Geist* — *espírito do mundo* — conforme se revela através da consciência humana, conforme se manifesta através da cultura de uma sociedade, particularmente sua arte, religião e filosofia — Hegel chama essa tríade de expressão do *Espírito absoluto* — (LUDWIG & GIACHINI, 2017; HEGEL, 2014).

Engels, o materialismo histórico-dialético, um método de análise da realidade social, política e econômica baseado nas contradições entre as classes sociais. Sua crítica ao capitalismo e à ideologia dominante marcou profundamente as ciências humanas e inspirou diversos movimentos políticos ao longo dos séculos XIX, XX e XXI.



Fonte: Adaptado de <<https://blogdaboitempo.com.br/wp-content/uploads/2018/06/velho-marx.jpg?w=620>>

**Figura 1: Retrato representativa de Karl Marx**

- i. Eventos que o influenciaram:
  - A exploração da classe trabalhadora nas fábricas industriais do século XIX.
  - As teorias filosóficas de Hegel — que Marx estudou profundamente — o socialismo utópico, e os movimentos operários europeus (MARX, 2013).
- ii. Ideias principais:
  - Desenvolveu o *materialismo histórico*, que entende a história como resultado da luta de classes e das condições materiais da vida.
  - Criticou o capitalismo, revelando suas contradições e propondo a superação desse sistema por meio da revolução do proletariado.
  - Propôs uma sociedade sem classes, baseada na propriedade coletiva dos meios de produção.
- iii. Citações e Obras Relevantes: *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1844), *Teses sobre Feuerbach* (1845) e *O Capital* (1867).

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1. Sobre o Hegelianismo

O pensamento de Hegel tem atravessado diferentes gerações de pensadores, influenciando desde correntes idealistas e *existencialistas*<sup>8</sup> até marxistas e *pós-estruturalistas*<sup>9</sup>. A noção de dialética, central em sua obra, foi apropriada, criticada e reinventada sob múltiplas perspectivas (LUDWIG & GIACHINI, 2017; HEGEL, 2014).

Alexandre Kojève (1947), em sua *Introdução à Leitura de Hegel*, foi um dos primeiros a recolocar o hegelianismo no centro do debate filosófico do século XX, sobretudo ao interpretar a *dialética do senhor e do escravo* — descrita em sua obra *Fenomenologia do Espírito* em 1807 — uma ótica existencialista (HEGEL, 2014). Para o autor, a luta por reconhecimento constitui o motor da história e da subjetividade humana, estabelecendo uma ponte conceitual entre Hegel, Marx e até mesmo pensadores posteriores como Sartre (1960).

Löwith (2014), em *Significado e fim da história*, afirma que Hegel sistematiza a história como processo racional, onde o Espírito — *Geist* — se realiza em formas cada vez mais conscientes de liberdade. *Ibidem* identifica um caráter teológico secularizado na filosofia da história hegeliana, o que suscita questionamentos sobre o *determinismo*<sup>10</sup> presente na noção de progresso dialético.

O filósofo alemão Adorno (1966), em *Dialética Negativa*, retoma criticamente a dialética hegeliana. Para o autor, o pensamento hegeliano sofre de uma *identidade forçada*<sup>11</sup>, na qual as contradições da realidade são reconciliadas prematuramente no sistema filosófico.

---

<sup>8</sup> Existencialistas — defendem o existencialismo — é uma corrente filosófica que se concentra na experiência da existência humana, enfatizando a liberdade, a responsabilidade individual e a busca por significado em um mundo sem propósito intrínseco. Ele se destaca pela ideia de que a existência precede a essência, ou seja, a pessoa nasce sem um propósito definido, mas cria seu próprio significado através de suas escolhas e ações <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Existencialismo>>.

<sup>9</sup> Pós-estruturalistas — são teóricos que criticam e se afastam de alguns dos pressupostos do estruturalismo, um movimento intelectual que surgiu no início do século XX. Eles questionam a ideia de que existe uma estrutura fundamental, fixada e universal, que subjaz à linguagem, cultura e sociedade. Em vez disso, os pós-estruturalistas enfatizam a instabilidade do significado, a natureza relacional dos elementos e a importância das relações de poder e do discurso na construção da realidade <<https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3s-estruturalismo>>.

<sup>10</sup> Determinismo — como conceito filosófico — defende que todos os eventos, incluindo os eventos humanos, são causados por causas anteriores e não são o resultado de escolhas livres. Esta noção implica que o futuro é predeterminado pelas condições iniciais e as leis naturais do universo <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Determinismo>>.

<sup>11</sup> identidade forçada — pode ser definida como uma situação em que a pessoa é compelida a viver sob uma identidade que não é a sua, seja por pressão externa, por circunstâncias legais ou por razões de saúde mental (ADORNO, 1966).

*Ibidem* propõe uma dialética aberta, negativa, que preserve as tensões sem anulá-las, rompendo com a ideia de totalidade reconciliadora hegeliana.

Por sua vez, Habermas (1988 *apud* GUTIRERREZ & DE ALMEIDA, 2013, p. 152), embora distante do idealismo hegeliano, reconhece em Hegel uma contribuição importante à constituição da razão moderna e da intersubjetividade. Em sua *Teoria da Ação Comunicativa*<sup>12</sup> (TAC), *ibidem* retoma o conceito de reconhecimento e historicidade, propondo um modelo comunicativo de racionalidade como superação crítica da razão instrumental e do absolutismo do Espírito.

Taylor (1977), em *Hegel*, oferece uma leitura analítica e simpática da filosofia hegeliana, destacando sua contribuição para a concepção moderna do *self*<sup>13</sup>. Para ele, Hegel é essencial para entender a identidade individual como construção social e histórica, mediada por valores, instituições e linguagens compartilhadas.

Já Butler (2012), em *Subjects of Desire* — tradução para o português *Sujeitos do Desejo* —, propõe uma leitura feminista e desconstrutiva da dialética do desejo hegeliano, conectando o reconhecimento à performatividade de gênero. Sua abordagem contemporânea destaca a permanência dos temas hegelianos na crítica cultural e política atual, evidenciando o impacto de sua filosofia mesmo fora da tradição marxista.

Em outra perspectiva, Žižek (2012), como já citado, retoma Hegel como o verdadeiro pensador do *materialismo dialético*<sup>14</sup>, invertendo leituras tradicionais. Para ele, Hegel não é o autor da reconciliação, mas o pensador da negatividade, da falta e da falha como constitutivas do real. Sua releitura se dá tanto por meio da *psicanálise lacaniana*<sup>15</sup> quanto pela crítica ao neoliberalismo e à ideologia.

---

<sup>12</sup> Teoria da Ação Comunicativa (TAC) — de Jürgen Habermas é uma teoria social que explora como a linguagem e a interação humana são fundamentais para a construção da sociedade e a formação da opinião pública. Ela enfatiza a importância da comunicação para a resolução de conflitos, a tomada de decisões democráticas e a produção de consenso (HABERNAS, 1988 *apud* GUTIERREZ & DE ALMEIDA, 2013, p. 152-153).

<sup>13</sup> *Self* — termo inglês, em português, "si mesmo" ou "eu" — em psicologia, se refere-se ao conceito de identidade, autoconsciência e a percepção que uma pessoa tem de si mesma, incluindo a experiência consciente de ser único e diferente dos outros <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Si\\_mesmo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Si_mesmo)>.

<sup>14</sup> Materialismo dialético — é uma filosofia que, em resumo, defende que a realidade é material e em constante transformação, impulsionada por conflitos e contradições. É uma base teórica e metodológica para a compreensão da história e das sociedades, especialmente no contexto do marxismo (HEGEL, 2014; Žižek (2012).

<sup>15</sup> Psicanálise lacaniana — Lacanianismo — desenvolvida por Jacques Lacan, é uma abordagem teórica que se baseia na psicanálise clássica de Freud, mas com uma extensão estruturalista e pós-estruturalista, introduzindo conceitos como o inconsciente estruturado como linguagem, o simbólico, o imaginário e o real <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lacanianismo>>.

Portanto, os autores que discutem o hegelianismo partem de diferentes pressupostos e interesses – alguns adotam a dialética como método, outros a criticam radicalmente. No entanto, todos reconhecem que a filosofia de Hegel marca uma inflexão decisiva no pensamento ocidental, sobretudo ao articular lógica, história, subjetividade e política sob uma estrutura dialética. Suas ideias continuam inspirando releituras e provocações no pensamento contemporâneo.

### 3.2. Sobre o Marxismo

O marxismo, enquanto teoria crítica da sociedade capitalista, segue sendo um dos pilares fundamentais do pensamento social e político moderno. Suas formulações iniciais, desenvolvidas por Karl Marx e Friedrich Engels, não apenas influenciaram revoluções e movimentos sociais, como também alimentaram um campo vastíssimo de interpretações, atualizações e críticas ao longo dos séculos XIX, XX e XXI (MARX & ENGELS, 2007).

Louis Althusser, filósofo do Marxismo Estrutural, reformulou o entendimento tradicional da ideologia no pensamento marxista ao propor que ela não é apenas uma ilusão ou distorção da realidade, mas um conjunto de práticas materiais incorporadas nas instituições e nos aparelhos ideológicos do Estado, e, conforme o autor:

“[...] A ideologia começa por ser, segundo Marx, uma construção imaginária, um puro sonho, vazio e vão, constituído pelos «resíduos diurnos» da única realidade plena e positiva, a da história concreta dos indivíduos concretos, materiais, produzindo materialmente a sua existência. É nesta perspectiva que, na Ideologia Alemã, a ideologia não tem história, dado que a sua história está fora dela, está onde existe a única história possível, a dos indivíduos concretos [...]” (ALTHUSSER, 1970, p. 73)

Para *ibidem*, “[...] a ideologia é então sistema das ideias, de representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social [...]”. Também buscou uma separação rigorosa entre o Marx jovem (filósofo humanista) e o Marx maduro (cientista social), destacando o conceito de *ruptura epistemológica*<sup>16</sup> (ALTHUSSER, 1970, p. 110).

Em outra obra do autor deste ensaio, em Brandão (2025, p. 13), onde investiga como a concentração de poder sustenta desigualdades nas sociedades atuais, ao dizer que: “[...] a proposta marxista de transformação radical por meio da união do proletariado enfrenta um

<sup>16</sup> Ruptura epistemológica — no contexto de Hegel e Marx, refere-se a uma mudança fundamental na forma como se compreende o conhecimento e a realidade. Para Hegel, essa ruptura implica a passagem do pensamento pré-científico para a razão crítica, culminando no Espírito Absoluto como ponto de síntese. Marx, por sua vez, radicaliza essa ruptura ao criticar a dialética hegeliana e propor uma análise materialista da história e da sociedade, onde a base material (condições econômicas) determina a consciência e o conhecimento (MARX, 2013; HEGEL, 2014).

paradoxo: quando os líderes do povo ascendem, muitas vezes reproduzem os mesmos vícios do sistema que combatiam. A consciência política é frequentemente manipulada [...]".

Étienne Balibar, colaborador de Althusser, revisita o conceito de ideologia e o articula à constituição da subjetividade moderna. Para ele, a ideologia é “[...] uma teoria do desconhecimento ou da ilusão, o avesso de uma teoria do conhecimento [...]” (BALIBAR, 2011, p. 43). Seu trabalho amplia a crítica marxista, explorando não apenas os domínios econômico e político, mas também os aspectos culturais, linguísticos e identitários da formação dos sujeitos.

Por sua vez, Pierre Ansart, destaca a importância da ideologia como objeto de análise dentro do materialismo histórico. Para ele, “[...] a análise das ideologias é muito mais que um domínio privilegiado do materialismo histórico, ela constitui a verdadeira introdução ao conhecimento científico das formações sociais [...]” (ANSART, 1978, p. 54). Essa leitura reforça a necessidade de compreender como as representações simbólicas e os discursos interferem nos modos de reprodução social e nas estruturas de dominação.

O esloveno Žižek (2012) representa uma tentativa contemporânea de revitalização do marxismo por meio da psicanálise lacaniana e da crítica à cultura. Para *ibidem*, o *fetichismo da mercadoria*<sup>17</sup>, descrito por Marx (2013) em *O Capital*, permanece atual ao descrever uma sociedade que, mesmo ciente das lógicas destrutivas do capitalismo, continua agindo como se não soubesse. Ele retoma a crítica ao “*fetichismo*” como uma forma de alienação radical em que as relações sociais entre pessoas assumem a forma de relações entre coisas.

O geógrafo marxista britânico David Harvey, explora o marxismo a partir da crítica ao espaço urbano e à globalização neoliberal. Em *O novo imperialismo*, analisa como o capital busca resolver suas crises por meio da *acumulação por espoliação*<sup>18</sup>, aprofundando desigualdades e privatizando os bens comuns. propõe que o pensamento marxista é essencial para entender as contradições entre capital, território e justiça social (HARVEY, 2004).

Conforme Eagleton (2021), em *Porque é que Marx Tinha Razão*, responde diretamente a críticas contemporâneas ao marxismo, como o suposto fracasso prático ou o determinismo

---

<sup>17</sup> Fetichismo da mercadoria — para Marx, é a tendência a atribuir um valor intrínseco, quase mágico, às coisas, esquecendo que o seu valor é, na verdade, uma relação social entre pessoas que trocam o seu trabalho. É como se a mercadoria, por si só, tivesse um poder especial, quando na realidade é o trabalho humano que lhe dá valor (MARX, 2013).

<sup>18</sup> Acumulação por espoliação — em termos econômicos e sociais, refere-se à apropriação ou desapropriação de bens e recursos de forma a criar e expandir a acumulação de capital, muitas vezes por meio de práticas de despossessão ou de violação de direitos. Este conceito, desenvolvido por Harvey (2004).

histórico. Para *ibidem*, Marx não era um profeta da revolução violenta, mas um analista rigoroso das estruturas sociais e das possibilidades de emancipação humana por meio da luta de classes.

Já Federici (2017), numa perspectiva feminista, contribui ao debate marxista ao discutir a acumulação primitiva sob a ótica da reprodução social e da opressão das mulheres. Em *O Calibã e a Bruxa*, propõe uma leitura materialista do patriarcado, conectando as violências de gênero aos processos de formação do capitalismo.

Dessa forma, o marxismo contemporâneo não é um corpo fechado, mas uma constelação dinâmica de abordagens que atualizam sua crítica em contextos novos — do pós-colonialismo ao feminismo, da ecologia política à crítica cultural. O que une esses autores é a disposição em enfrentar as contradições estruturais do mundo moderno, a partir do método dialético materialista e da centralidade da transformação social.

### 3.3. Leitores e intérpretes de Hegel e Marx

A tradição filosófica do *idealismo dialético* de Hegel e a *crítica materialista* de Marx configuram duas das maiores bases do pensamento ocidental moderno. Hegel, vivendo em um contexto de transformações sociais e políticas da Alemanha pós-napoleônica, desenvolveu uma dialética centrada na ideia como motor do desenvolvimento histórico e da realidade. Seu método dialético, que propõe o movimento da *tese, antítese e síntese*, busca compreender a realidade como um processo de autodesenvolvimento do espírito, a *Ideia Absoluta*<sup>19</sup>. Este movimento do pensamento, para Hegel, não é apenas uma abstração, mas a própria essência da realidade que se manifesta fenomenalmente (HEGEL 2014; MARX, 2013).

No entanto, Marx, influenciado pelo contexto da Revolução Industrial e das crescentes desigualdades sociais do século XIX, propôs uma “inversão” desse idealismo dialético. Para Marx, o motor da história não é a ideia, mas as condições materiais e econômicas. Ele retomou o método dialético para construir o materialismo histórico, explicando que as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção geram transformações sociais. Marx criticou a visão idealista de Hegel, apontando que a dialética hegeliana era uma forma fenomenal e abstrata da ideia, enquanto sua proposta era uma análise concreta das relações de classe e do modo de produção capitalista.

---

<sup>19</sup> Ideia absoluta — para Hegel, representa o ponto de convergência de todas as formas de pensamento e desenvolvimento. É a totalidade que compreende o universo, a história e a filosofia, não como um conceito abstrato, mas como um processo dialético em constante evolução. É a compreensão do Absoluto como um sistema complexo e interconectado, onde tudo se relaciona e se influencia (HEGEL, 2014).

Diversos autores contribuíram para aprofundar e reelaborar esses conceitos. Althusser (1976), por exemplo, redefine o conceito de ideologia no marxismo, se afastando da ideia de ilusão para entendê-la como uma prática material incorporada nas instituições, que condiciona subjetividades e relações sociais. Balibar (1993) complementa essa visão, definindo a ideologia como uma teoria do desconhecimento, que mantém as relações de poder por meio de processos simbólicos e culturais.

Em suas obras, Ansart (1990-1978) ressalta que a análise das ideologias é fundamental para o entendimento das formações sociais, indo além do econômico para abarcar a dimensão simbólica. Žižek (2012), em uma releitura contemporânea, utiliza a psicanálise para ressaltar o *fetichismo da mercadoria* descrito por Marx, mostrando como as relações sociais são mascaradas pelas coisas, mantendo o sistema capitalista mesmo diante de suas contradições evidentes.

Harvey (2004) amplia a crítica marxista para a geografia e o espaço urbano, destacando as estratégias do capital para manter sua acumulação por meio da espoliação e da globalização neoliberal. Eagleton (2021) defende o marxismo como uma teoria crítica da sociedade capaz de promover a emancipação humana, respondendo às críticas contemporâneas de que Marx seria obsoleto ou determinista. Federici (2017) integra a perspectiva feminista, mostrando a intersecção entre o capitalismo e a opressão das mulheres na reprodução social, o que amplia o campo de análise marxista.

Quanto ao idealismo dialético de Hegel, autores como Kojève (1947) interpretaram sua filosofia como uma antecipação das contradições modernas, enfatizando a *dialética do senhor e do escravo* e seu impacto nas relações sociais. Marcuse (1978) e Adorno (1966), da Escola de Frankfurt, reinterpretaram Hegel na crítica da sociedade contemporânea, enfocando a razão dialética como instrumento para desvelar as contradições da modernidade e do capitalismo. Habermas (1988), por sua vez, busca uma reabilitação da dialética hegeliana, incorporando-a em uma *Teoria da Ação Comunicativa* (TAC) que promove o entendimento e a emancipação social (HABERNAS, 1988 *apud* GUTIERREZ & DE ALMEIDA, 2013, p. 162).

Dessa maneira, a relação entre Hegel e Marx configura uma base para o pensamento crítico e dialético que atravessa diversas áreas do conhecimento, da filosofia à sociologia, da política à cultura. Essa tradição, atualizada e ampliada por autores contemporâneos, permite compreender as contradições sociais e políticas que marcam a modernidade, destacando a importância do método dialético e da análise materialista para a transformação social.

### 3.4. Problematização de base: comparativo filosófico

Foi elaborado o Quadro 1 com o objetivo de apresentar, de forma comparativa e didática, os principais aspectos biográficos, históricos e filosóficos de Hegel e Marx. Através desse quadro, se buscou evidenciar como os contextos em que viveram influenciaram diretamente suas ideias, bem como destacar as problematizações centrais que motivaram suas reflexões e teorias. A comparação permite compreender tanto os pontos de aproximação quanto as divergências entre dois dos pensadores mais influentes da filosofia moderna e contemporânea.

**Quadro 1 — Quadro Comparativo Filosófico-Histórico entre Hegel x Marx**

Aspecto	Georg Wilhelm Friedrich Hegel	Karl Marx
Nascimento / Morte	1770 – 1831 (Stuttgart, Alemanha)	1818 – 1883 (Trier, Alemanha)
Contexto histórico	Revolução Francesa, Era Napoleônica	Revolução Industrial, Crescimento do Capitalismo
Formação	Filosofia idealista alemã	Filosofia, economia política, sociologia
Influências	Kant, Iluminismo, Revolução Francesa	Hegel, socialismo utópico, economia clássica (Smith)
Base filosófica	Idealismo dialético	Materialismo histórico-dialético
Método	Dialética: Tese → Antítese → Síntese	Dialética materialista: conflito entre classes
Problema central	Como a liberdade se realiza na história?	Por que há desigualdade social e exploração no trabalho?
Visão da história	Processo racional guiado pelo Espírito	Luta de classes como motor da história
Papel do Estado	Realização ética da liberdade coletiva	Instrumento de dominação da classe dominante
Crítica	À limitação do Iluminismo e à moral abstrata	Ao capitalismo e à alienação do trabalhador
Proposta de transformação	Compreensão racional do mundo como forma de libertação	Revolução proletária e fim da propriedade privada
Legado	Base da filosofia moderna e do pensamento dialético	Pai do socialismo científico e do marxismo.
Síntese	Hegel vê a história como uma construção racional do espírito rumo à liberdade total, em um processo dialético.	Marx inverte Hegel: para ele, não é o espírito, mas a realidade material que move a história – especialmente as relações de produção e a propõe a crítica concreta: A luta de classes.

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de (MARX, 2013 ; HEGEL, 2014).

### 3.5. Contradições e pensamentos dos autores

Apesar de Hegel e Marx apresentarem ideias muito influentes, também existem contradições relevantes entre seus pensamentos. Hegel, acreditava que as mudanças na sociedade aconteciam a partir das *ideias* e da *razão*, enquanto Marx defendia que as transformações sociais são resultado das *condições materiais de vida*, especialmente das lutas entre os ricos e os pobres, os patrões e os trabalhadores.

Hegel via o Estado como o espaço onde a liberdade se realiza, mas Marx o enxergava como um instrumento de controle usado pelas classes dominantes. Assim, enquanto Hegel apostava na evolução do pensamento e da consciência, Marx acreditava que apenas a *ação concreta das pessoas* – especialmente dos trabalhadores – poderia mudar a sociedade de verdade.

Para Marx (2011), o conhecimento não surge de forma neutra ou isolada, mas é sempre produzido dentro de um contexto social e histórico específico. Isso significa que as ideias, teorias e saberes desenvolvidos pelos seres humanos estão diretamente ligados às condições concretas em que vivem — especialmente às formas pelas quais produzem e reproduzem sua existência material. Assim, o modo como a sociedade organiza a produção da vida (o chamado "modo de produção") influencia diretamente a maneira como se pensa e se compreende o mundo. A ciência, o direito, a cultura e outras expressões intelectuais não são independentes ou universais, mas refletem os interesses e as visões de mundo das classes sociais dominantes em cada período histórico.

O ponto de contato entre os dois autores reside justamente na dialética, compreendida por Hegel como o movimento da ideia que se desenvolve por negação e superação — *Aufhebung*<sup>20</sup> — (HEGEL, 2014), enquanto Marx retoma essa lógica invertendo-a: a *realidade material*<sup>21</sup> não é reflexo do pensamento, mas o pensamento é resultado das condições materiais. Como o próprio Marx afirma em sua obra *O Capital*:

“Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, sendo a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo do pensamento – que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo – é o demiurgo do real, que

<sup>20</sup> *Aufhebung* — é um conceito-chave na filosofia de Hegel, e não pode ser traduzido diretamente para português com uma única palavra. Ele significa, ao mesmo tempo, "suprir", "preservar" e "elevar". Se pode entender como um processo que envolve a negação, a conservação e a transcendência de algo (HEGEL, 2014).

<sup>21</sup> Realidade material — também conhecida como infraestrutura ou base material — para Karl Marx é o fundamento da sociedade, o que inclui as relações de produção — como o trabalho e a posse dos meios de produção — e as forças produtivas — tecnologia, recursos naturais, etc. —. É o que define a base da sociedade e influencia as outras esferas sociais, como a superestrutura — direito, religião, política, etc. (MARX, 2013).

constitui apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem” (MARX, 2013, p. 29).

Podemos observar as contradições , conforme Quadro 2:

**Quadro 2 — Comparativo das contradições entre Hegel e Marx**

<b>Autor</b>	<b>Ideia Central</b>	<b>Igualdades / Conexões</b>	<b>Contradições</b>	<b>Obra Principal (Ano/Era)</b>
<b>Hegel</b>	<b>A história é um processo racional e dialético rumo à liberdade. O Espírito (Geist) se desenvolve através das contradições.</b>	<b>- Marx se inspira na dialética hegeliana, mas substitui o "Espírito" pela luta de classes (materialismo histórico).</b>	<b>- Para Hegel, o motor da história é o Espírito (idealismo). Marx discorda e coloca a matéria (condições econômicas) como central.</b>	<b><i>Fenomenologia do Espírito</i> Início do séc. XIX (HEGEL, 1807)</b>
<b>Marx</b>	<b>A história é movida pela luta de classes. O materialismo histórico define que a base econômica determina a superestrutura.</b>	<b>- Usa a dialética hegeliana (mas de forma "materialista").</b>	<b>- Marx rejeita o idealismo de Hegel.</b>	<b><i>O Capital</i> (MARX, 1867)  <i>Manifesto Comunista</i> (MARX, 1848) Séc. XIX</b>

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de (MARX, 2013 ; HEGEL, 2014).

Existe uma cadeia de influências e críticas entre Hegel e Marx. O Quadro 3 aborda a correlação, interferência e até críticas mútuas indiretas entre Hegel e Marx:

**Quadro 3 — Influência Direta e Interferência Filosófica**

<b>Influências</b>	<b>Hegel</b>	<b>Marx</b>
<b>Contexto Filosófico</b>	<b>Idealismo alemão: a realidade é compreendida como manifestação do Espírito (Geist), que se desenvolve historicamente pela razão.</b>	<b>Materialismo histórico-dialético: parte da crítica ao idealismo de Hegel e inverte a lógica hegeliana, defendendo que a matéria (condições econômicas) determina a consciência.</b>
<b>A realidade</b>	<b>A realidade é expressão do Espírito Absoluto, que se concretiza através da história, da cultura e do Estado.</b>	<b>A realidade é determinada pelas condições materiais, especialmente pelas relações econômicas e sociais de produção.</b>
<b>Motor da história</b>	<b>O motor da história é o desenvolvimento dialético das ideias e da razão, em um processo de superação de contradições conceituais.</b>	<b>O motor da história é o conflito entre classes sociais, resultante das contradições materiais entre forças produtivas e relações de produção.</b>

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de (MARX, 2013 ; HEGEL, 2014).

Apesar das divergências, todos os dois pensadores tinham preocupações comuns. Focar na relação os autores estudados, especialmente na crítica de Marx a Hegel, destacando os fundamentos e as implicações dessa ruptura filosófica, representados no Quadro 4, abordando essa crítica em quatro níveis para melhor compreensão:

**Quadro 4 — Utilização dos mesmos objetivos com diferentes abordagens**

<b>Objetivo/tema</b>	<b>Hegel</b>	<b>Marx</b>
<b>Compreensão da história</b>	<b>Processo racional rumo à liberdade.</b>	<b>Luta de classes como motor da história.</b>
<b>Liberdade humana</b>	<b>Realização do Espírito (<i>Geist</i>).</b>	<b>Libertação da exploração capitalista.</b>
<b>Crítica à alienação</b>	<b>Alienação como afastamento da razão universal.</b>	<b>Alienação como efeito da exploração econômica.</b>
<b>Transformação social</b>	<b>Através da razão e do Estado ético.</b>	<b>Através da revolução social e fim da propriedade privada.</b>

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de (MARX, 2013 ; HEGEL, 2014).

**Quadro 5 — Dialética Invertida**

<b>Hegel (Idealismo Dialético)</b>	<b>Marx (Materialismo Dialético)</b>
<b>A história é um processo do Espírito Absoluto se realizando.</b>	<b>A história é movida por contradições entre classes sociais e modos de produção.</b>
<b>Contradições são superadas em níveis mais elevados de razão.</b>	<b>Contradições se resolvem em lutas materiais (ex: revoluções sociais).</b>
<b>O Estado é a expressão racional da liberdade.</b>	<b>O Estado, em sua forma atual, é instrumento de dominação da classe burguesa.</b>

Fonte: Elaborado pelo autor adaptado de (MARX, 2013 ; HEGEL, 2014).

Essas diferenças mostram que, mesmo com alguns pontos em comum, os dois pensadores *seguem caminhos diferentes* para entender o mundo e propor mudanças. E é justamente nessas contradições que encontramos possibilidades de refletir sobre os desafios da nossa própria realidade.

### **3.6. Contradições, Ideologia e Dialética em Hegel, Marx e intérpretes contemporâneos**

Este estudo bibliográfico tem como objetivo apresentar um panorama das contribuições filosóficas de Hegel e Marx, com foco na dialética e na noção de ideologia, bem como destacar o modo como essas ideias foram debatidas e reelaboradas por autores contemporâneos. Através de uma abordagem crítica, buscamos compreender os fundamentos das contradições entre os

dois pensadores clássicos e sua ressonância nas discussões modernas sobre subjetividade, conhecimento e transformações sociais.

### 3.6.2. Hegel e a dialética idealista

Hegel foi um dos principais representantes do idealismo alemão, formulando uma concepção dialética baseada no movimento das ideias. *Ibidem* concebe que a realidade é fruto do desenvolvimento racional do Espírito ou da *Ideia Absoluta*, que se realiza através da história. Seu método dialético é estruturado por contradições internas superadas em sínteses sucessivas, rumo à liberdade (CESARINI, 2008).

Hegel (2014) concebe o pensamento como *motor da história*, ou seja, as ideias são o elemento primordial da realidade. Segundo ele, “o real é racional, e o racional é real”, estabelecendo uma relação entre *razão, mundo e liberdade histórica*. Essa abordagem influenciou profundamente o jovem Marx, embora este venha a rompê-la posteriormente.

### 3.6.3. Marx e a inversão materialista da dialética

Karl Marx parte da dialética hegeliana, mas a transforma profundamente. Ele critica a idealização do pensamento como criador do real. Para Marx, as ideias não são a origem da realidade social, mas sim um reflexo condicionado pelas relações materiais e pelas formas de produção.

Essa inversão dá origem ao *materialismo histórico-dialético*, no qual as relações econômicas, sociais e políticas determinam as formas de consciência. Com isso, Marx inaugura uma teoria crítica da realidade baseada na luta de classes e nas condições objetivas da existência humana.

### 3.6.4. A ideologia e o papel das representações sociais

A crítica marxista à ideologia é aprofundada por autores do século XX. Althusser (1970), por exemplo, entende ideologia como o sistema de representações que domina o espírito dos indivíduos em uma sociedade. Ele afirma que: “A ideologia é então sistema das ideias, de representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social.” (p. 110).

O termo "*ideologia*" foi cunhado por Antoine-Louis-Claude Destutt de Tracy [1754–1836] como parte de seu estudo sobre as ideias e o pensamento humano. Para *ibidem*, a ideologia era vista como a ciência das ideias, envolvendo o estudo detalhado de como os estados

de consciência se formam a partir de processos como percepção, memória, vontade e razão. Ele propôs que compreender esses processos era essencial para uma compreensão mais profunda do pensamento humano e das estruturas mentais que moldam a visão de mundo das pessoas. Assim, o conceito original de ideologia estabeleceu as bases para análises posteriores sobre como as ideias e crenças influenciam as sociedades e as formas de pensamento individuais (DESTRUTT DE TRACY, 1823).

O termo "ideologia" foi criado por Destrutt de Tracy (1823), que o definia como o estudo científico das ideias humanas e sua formação. Para ele, as ideias resultam da interação entre o ser humano e o mundo material, através da percepção, memória, vontade e razão. Rejeitando explicações religiosas, defendia uma abordagem materialista e educativa baseada na ciência. Sua visão influenciou debates posteriores sobre conhecimento, ideologia e educação (MARX & ENGELS, 2007; WIKISOURCE, 2023)

Nessa perspectiva, a ideologia não é apenas um conjunto de falsas ideias, mas um mecanismo de reprodução das estruturas sociais. Se trata de uma forma de organizar a realidade simbólica que garante a manutenção das relações de poder.

Balibar (1993) também contribui com uma reflexão importante sobre a ideologia. Para ele: “Seria então, essencialmente, uma teoria do desconhecimento ou da ilusão, o avesso de uma teoria do conhecimento [...]” (p. 43).

O crítico cultural e acadêmico britânico Raymond Williams entende a cultura como um processo social dinâmico e vivo, marcado pela contínua disputa entre valores dominantes, residuais e emergentes (WILLIAMS, 1980). Para ele, a ideologia não se reduz à mera imposição de ideias, mas constitui também um espaço de negociação e resistência (WILLIAMS, 1977). Ao investigar palavras-chave do cotidiano, Williams desvenda os sentidos históricos e políticos que moldam nossa percepção do mundo (WILLIAMS, 2007), ampliando nossa visão da cultura como prática material e simbólica profundamente enraizada nas relações sociais (WILLIAMS, 1980).

A ideologia, nesse sentido, é vista como uma forma de desconhecimento funcional, que mascara as verdadeiras condições da vida social, impedindo o sujeito de reconhecer a dominação de que é alvo.

A Ideologia como chave para entender as formações sociais, conforme Ansart (1978), ao estudar a ideologia em Marx, destaca que: “[...] a análise das ideologias é muito mais que um domínio privilegiado do materialismo histórico, ela constitui a verdadeira introdução ao

conhecimento científico das formações sociais [...]” (p. 54). Ou seja, entender as ideologias é fundamental para compreender como as sociedades se estruturam e se perpetuam, o que reforça o caráter crítico e científico da proposta marxista.

A relação entre as filosofias de Hegel e Marx tem sido objeto de aprofundadas reflexões por diversos pensadores ao longo do século XX, especialmente no campo da teoria crítica, da filosofia política e das ciências sociais. O debate sobre a permanência ou ruptura do método dialético entre ambos é uma das principais linhas de investigação filosófica contemporânea.

Lukács (2003), em *História e Consciência de Classe*, foi um dos primeiros a revalorizar a *herança dialética*<sup>22</sup> de Hegel no interior do pensamento marxista. Para o autor, embora Marx rompa com o idealismo hegeliano, ele preserva a estrutura dialética enquanto método crítico da totalidade e da alienação. *Ibidem* compreende que a crítica ao fetichismo e à reificação nas sociedades capitalistas é uma continuidade transformadora da dialética hegeliana.

De forma semelhante, Marcuse (1978), em *Razão e Revolução*, analisa a racionalidade moderna e defende que Hegel não deve ser reduzido a um pensador conservador do Estado, como muitas leituras marxistas sugeriram. *Ibidem* enfatiza os momentos de negatividade e superação presentes na filosofia hegeliana, considerando-a uma ferramenta fundamental para a crítica à sociedade industrial. Para ele, a dialética hegeliana oferece um caminho emancipatório que Marx desenvolve em outra direção, voltada para a transformação material da realidade.

Alexandre Kojève em sua *Introdução à Leitura de Hegel*, propõe uma leitura existencialista da *dialética do senhor e do escravo*, compreendendo essa relação como fundadora da história e da consciência humana. Kojève (1947), influencia profundamente a tradição marxista ao destacar o papel do desejo, da luta e do reconhecimento como motivações fundamentais da ação histórica, antecipando de certo modo as lutas de classe analisadas por Marx.

Já Gramsci (2001), em seus *Cadernos do Cárcere* (escritos entre 1929 e 1935), introduz uma leitura político-cultural da dialética. Para o autor, o marxismo é uma filosofia da práxis que herda o movimento contraditório de Hegel, mas com ênfase na superação das estruturas de dominação ideológica através da construção da hegemonia. Ele amplia o alcance do marxismo

---

<sup>22</sup> Herança dialética — se refere ao legado intelectual e filosófico da dialética, um método de análise e discussão que envolve a confrontação de ideias opostas (tese e antítese) para chegar a uma compreensão mais profunda (síntese) ou a uma nova posição. É a forma como a dialética se manifesta ao longo do tempo, influenciando pensadores, teorias e práticas em diversos campos.

para além das relações econômicas, trazendo a cultura, a educação e os intelectuais para o centro da disputa ideológica.

Neste contexto, Brandão, hora autor deste ensaio, evidencia em seu estudo, uma das tensões mais críticas dentro da prática revolucionária inspirada por Marx: o risco da reprodução dos mesmos vícios estruturais quando os agentes da mudança assumem o poder. Essa observação remete à crítica marxista da *alienação ideológica*<sup>23</sup>: mesmo após uma mudança de classe dirigente, se não houver um rompimento real com as estruturas de dominação e com a forma alienada da consciência social, a opressão tende a se reconfigurar, não desaparecer (BRANDÃO, 2025, p. 7, 8 e 13; MARX & ENGELS, 2007; MARX, 2013).

Conforme Žižek (2012), em *Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético*, propõe uma releitura radical tanto de Hegel quanto de Marx. *Ibidem* argumenta que a verdadeira radicalidade do materialismo dialético está em Hegel, cuja filosofia expressa de forma mais crua as contradições da realidade. Diferente de interpretações que simplificam Marx como um cientista social positivista, propondo um retorno à negatividade dialética como base para repensar a crítica ideológica e os impasses contemporâneos.

Por sua vez, Aron (1905-1983), apresenta uma leitura mais cética sobre a relação entre ambos. Em *As Etapas do Pensamento Sociológico*, distingue claramente os dois autores: Hegel como construtor de um sistema filosófico idealista e Marx como crítico da economia política. *Ibidem* reconhece a influência da dialética hegeliana, mas aponta para os limites práticos do projeto marxista, considerando-o marcado por uma utopia de difícil aplicação.

Por fim, Sartre (1960), em sua *Crítica da Razão Dialética*, tenta conciliar o existencialismo com o marxismo, propondo uma dialética aberta e centrada na liberdade e na práxis. Para *ibidem*, a crítica a Hegel e Marx deve abrir espaço para uma nova compreensão da ação humana, onde o sujeito é responsável pela transformação histórica sem estar totalmente determinado por estruturas econômicas ou sistemas filosóficos fechados (CESARINI, 2008).

Esses autores, cada um a seu modo, demonstram que o vínculo entre Hegel e Marx é complexo, tenso e fértil. As leituras variam entre interpretações que enfatizam a continuidade do método dialético com novo conteúdo materialista, até propostas que propõem revisões profundas no interior do marxismo a partir da revalorização de Hegel. Em comum, está o

---

<sup>23</sup> Alienação ideológica — segundo Marx, é um processo pelo qual as ideias e conceitos, em vez de refletir a realidade material, a distorcem ou ocultam, mantendo a dominação de classe e impedindo a compreensão da exploração e da desigualdade (MARX & ENGELS, 1845-1846)

reconhecimento de que compreender as contradições entre idealismo e materialismo é fundamental para pensar criticamente os desafios da modernidade e das transformações sociais.

#### 4. METODOLOGIA

Este ensaio caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva, cujo objetivo é analisar comparativamente os legados filosóficos de Hegel e Marx, com foco na subversão do método dialético idealista hegeliano por parte de Marx e os desdobramentos dessa transformação nos estudos sociais contemporâneos.

A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica e documental, com ênfase na leitura crítica de obras clássicas e interpretações contemporâneas sobre os conceitos de dialética, ideologia e constituição da subjetividade. A seleção do material priorizou fontes relevantes que abordassem o materialismo histórico-dialético em contraposição à dialética idealista hegeliana, assim como suas influências nas ciências humanas.

Foram consultadas aproximadamente 180 publicações, entre livros, artigos científicos, dissertações, teses e ensaios, localizados em plataformas de busca acadêmica como *Google Academics*, *Scielo*, *JSTOR*, *Dialnet*, *Redalyc*, *SpringerLink*, *Even3* e *Web of Science*, além de bibliotecas digitais de universidades brasileiras e estrangeiras.

Os descritores utilizados para a busca foram: “Hegel”, “Marx”, “Dialética”, “Materialismo histórico”, “Ideologia”, “Subjetividade”, “Epistemologia crítica”, “História e sociedade”, “Crítica da razão”, “Filosofia da práxis”, entre outros termos correlatos, combinados entre si com uso de *operadores booleanos* (*AND*, *OR*, *NOT*).

Os critérios de inclusão adotados foram:

- Publicações com enfoque filosófico, sociológico ou epistemológico diretamente relacionados ao pensamento de Hegel, Marx e autores que os interpretam;
- Fontes publicadas nos últimos 30 anos, com exceção de clássicos originais;
- Estudos contemporâneos que atualizam o debate sobre dialética e ideologia.

Como critérios de exclusão, foram deixadas de fora obras que tratavam do tema de forma superficial, resenhas sem aparato teórico ou publicações sem revisão por pares acadêmicos.

Traduções e desafios linguísticos: Uma parte significativa das obras analisadas foi encontrada em idiomas estrangeiros, sobretudo em alemão, francês e inglês, exigindo a

realização de traduções (próprias ou apoiadas por edições bilíngues) e análise comparada entre diferentes versões dos textos, o que implicou um cuidado metodológico adicional quanto ao vocabulário filosófico. Destacam-se, por exemplo, as dificuldades terminológicas na tradução de categorias como *Geist* e *Aufhebung*, centrais para a compreensão da dialética em Hegel e Marx.

Análise e estruturação dos dados: A análise e estruturação dos dados foi organizada por meio de categorias temáticas, entre elas:

- Concepção de dialética: idealismo versus materialismo;
- Ideologia e consciência: mediações entre o sujeito e a história;
- Subjetividade e práxis: do espírito absoluto ao sujeito histórico;
- Heranças e reinterpretações contemporâneas da dialética marxista.

Essas categorias permitiram sistematizar os dados, identificar convergências e tensões nos discursos e delinear os deslocamentos conceituais promovidos por Marx frente à tradição idealista.

Apesar do volume expressivo de fontes analisadas, esta pesquisa apresenta algumas limitações. A primeira diz respeito à impossibilidade de esgotar toda a produção filosófica contemporânea que dialoga com Hegel e Marx, especialmente por questões de acesso e idioma. Além disso, não foram realizadas entrevistas com pesquisadores da área, o que poderia ter enriquecido o trabalho com perspectivas atuais e aplicações pedagógicas ou políticas. Outra limitação reside na interpretação de textos filosóficos em tradução, o que pode gerar variações de sentido em conceitos-chave.

Ainda assim, a metodologia empregada permitiu uma abordagem consistente e crítica sobre os caminhos distintos trilhados por Hegel e Marx, bem como a atualidade de suas contribuições para a reflexão sobre realidade social, história e conhecimento.

## **5. DISCUSSÃO: ENCONTRO E CONFLITO DE CONCEITOS EM HEGEL, MARX E SEUS INTÉRPRETES**

O pensamento de Hegel e Marx constitui uma das mais significativas inflexões na história da filosofia moderna, tanto por suas convergências metodológicas quanto pelas divergências estruturais em relação à realidade social, à história e à subjetividade. Enquanto Hegel construiu uma filosofia idealista da história, centrada no desenvolvimento do Espírito — *Geist* — por meio da dialética, Marx reconstrói o método dialético a partir de uma perspectiva

materialista, se voltando para as condições concretas da vida humana, especialmente as relações de produção.

A *crítica à ideologia* também marca um divisor entre os autores. Hegel (2014), ao tratar da razão histórica, via o Estado como a manifestação racional da liberdade no mundo. Já para Marx (2013), o Estado é expressão das relações de classe e instrumento da dominação da burguesia. Marx denuncia a ideologia como uma forma de inversão da realidade, onde as relações sociais aparecem como relações entre coisas — fenômeno descrito como *fetichismo da mercadoria*.

Hegel formula uma dialética idealista em que o Espírito se realiza historicamente por contradições internas. Sua tese, antítese e síntese movem o real a partir da razão, pois “o real é racional e o racional é real”. Esse método legitima a ideia de progresso e liberdade como desdobramentos do pensamento absoluto.

Marx faz a inversão materialista da dialética hegeliana: para ele, são as condições materiais e as relações de produção que geram a consciência. A dialética torna-se histórico-materialista, e não mais idealizante, fundamentando a luta de classes como motor da transformação social.

Nesse sentido, autores como Louis Althusser e Étienne Balibar aprofundam a compreensão do conceito de ideologia em Marx. Althusser (1970, p. 69 e 73) afirma que a ideologia é o sistema das ideias, de representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social, e Balibar (1993, p. 43) complementa ao considerar a ideologia não apenas como um conjunto de ilusões, mas como forma de constituição da subjetividade: “[...] seria então, essencialmente, uma teoria do desconhecimento ou da ilusão, o avesso de uma teoria do conhecimento [...]”.

Por sua vez, Ansart (1978, p. 54) compreende a análise marxista da ideologia como ponto de entrada para o entendimento científico das formações sociais: “[...] a análise das ideologias é muito mais que um domínio privilegiado do materialismo histórico, ela constitui a verdadeira introdução ao conhecimento científico das formações sociais”.

A noção de ideologia em Marx denuncia como as representações dominantes mascaram a realidade de exploração. Autores como Althusser enfatizam sua função repressiva e reprodutiva, enquanto Williams (1980) aponta nos processos culturais espaços de resistência e negociação simbólica.

Nas leituras contemporâneas, Lukács (2003) e Marcuse (1978) resgatam a totalidade dialética em Marx, vendo continuidade crítica com Hegel. Já Gramsci (2001) amplia o conceito para a hegemonia cultural, e Žižek (2012) propõe a negatividade hegeliana como fonte radical do materialismo.

Kojève (1947), ao interpretar a dialética do senhor e do escravo sob uma ótica existencial, destaca o desejo, a luta e o reconhecimento como motores da história — aspectos que ecoam nas análises marxistas sobre as lutas de classe. Gramsci (2001), por sua vez, retoma a dialética hegeliana sob a perspectiva da práxis, incorporando a cultura e a educação como arenas centrais da disputa ideológica e da construção da hegemonia.

Ambos os autores enfatizam que a consciência humana é moldada em contextos de conflito, seja pelo reconhecimento (KOJÈVE, 1947) ou pela hegemonia cultural (GRAMSCI, 2001). Brandão (2025) converge com essa crítica ao apontar que, sem ruptura com as estruturas alienantes, o poder revolucionário tende a reconfigurar a opressão. Assim, desejo, cultura e ideologia aparecem entrelaçados como fundamentos da transformação histórica e de seus limites.

Em Hegel (2014), a subjetividade se forma na e pela história universal, orientada por um fim racional. Já em Marx (2013) e , a subjetividade está ancorada nas condições materiais de existência, sendo moldada por estruturas sociais como o trabalho, a economia e a ideologia. O cruzamento dessas visões permite compreender como as ideias se tornam força material (Marx), ao passo que para o real é a racionalidade em desenvolvimento (Hegel).

Essa discussão é ampliada na tradição marxista por autores que tensionam o legado hegeliano. Althusser (1970), por exemplo, propõe uma *ruptura epistemológica* com a leitura humanista de Marx, destacando uma linha estruturalista que recusa o sujeito como centro do processo histórico, em oposição à herança hegeliana da *subjetividade absoluta*. Balibar (2011), por sua vez, reconhece uma complexidade maior, apontando que, mesmo ao romper com Hegel, Marx ainda carrega elementos formais da dialética idealista, reorganizados para atender às exigências de uma crítica material da história.

Assim, os conceitos de dialética, ideologia, subjetividade e história são tensionados entre essas duas matrizes filosóficas, revelando não apenas um antagonismo teórico, mas um diálogo profundo e transformador entre o idealismo alemão e o materialismo histórico.

## 6. CONCLUSÃO

Ao longo deste ensaio, se buscou compreender de que maneira Marx transforma a dialética hegeliana ao formular seu método materialista histórico-dialético, assim como analisar como os conceitos de ideologia, história e subjetividade são tratados por Hegel e Marx, sendo posteriormente reinterpretados por autores contemporâneos. A partir da revisão bibliográfica e da discussão teórica, se constatou que Marx realiza uma subversão crítica do método hegeliano, invertendo sua lógica idealista para desenvolver uma abordagem fundamentada nas condições materiais e sociais concretas. Esse deslocamento possibilitou uma análise histórica mais vinculada às contradições reais da sociedade, marcando uma *ruptura epistemológica* significativa.

Além disso, os conceitos de ideologia, história e subjetividade, essenciais para ambos os pensadores, foram aprofundados e reelaborados ao longo do tempo por teóricos, que ampliaram a compreensão da dinâmica entre estrutura social e consciência individual.

Dessa forma, as questões norteadoras foram respondidas com clareza, evidenciando o valor histórico e filosófico da relação entre Hegel e Marx para as ciências humanas e sociais e a análise da relação ambos revela que o legado de ambos transcende suas épocas e permanece vital para a compreensão crítica da realidade social. Hegel, ao propor uma dialética idealista, ofereceu um modelo para pensar o desenvolvimento da consciência e da história como expressões do espírito racional. Marx, ao subverter essa lógica, desloca o eixo do pensamento para a materialidade da vida social, revelando que as transformações históricas não ocorrem no plano das ideias, mas nas contradições concretas entre as classes e nas condições objetivas de produção.

Essa inflexão epistemológica de Marx, ao mesmo tempo que rompe com a metafísica hegeliana, preserva a estrutura dialética como método de análise, dando-lhe um novo conteúdo histórico e político. É justamente nesse ponto que a relação entre os dois se mostra mais fecunda: na tensão entre ideia e matéria, entre subjetividade e estrutura, entre consciência e prática.

Para o nosso tempo, marcado por novas formas de alienação, por tecnologias que moldam subjetividades e por uma globalização que aprofunda desigualdades, o diálogo entre Hegel e Marx continua a oferecer ferramentas analíticas poderosas. Compreender o mundo contemporâneo exige não apenas atualizar suas categorias, mas também reapropriar-se da

dialética como instrumento de crítica e de transformação. Assim, o legado de ambos não se esgota no século XIX, mas se projeta como horizonte para a ação reflexiva no presente.

Contudo, dada a complexidade e a densidade teórica das obras de Hegel e Marx, muitas questões permanecem em aberto e demandam novas investigações. Uma delas diz respeito a como as categorias dialéticas elaboradas por ambos podem ser reaplicadas e repensadas à luz das contradições atuais, especialmente diante das transformações tecnológicas, das novas formas de trabalho digital, da financeirização da vida e das crises ambientais e identitárias que marcam o nosso século atual.

Além disso, torna-se necessário questionar como as noções de ideologia, história e subjetividade se reconfiguram diante da cultura de algoritmos, da vigilância de dados, do consumo desenfreado de informação e da fragmentação das experiências sociais. O desafio está em compreender se — e como — a dialética ainda pode operar como método de crítica e de emancipação num cenário globalizado, hipertecnológico e cada vez mais volátil. Tais problemáticas ampliam o campo de reflexão e indicam que o legado hegeliano-marxista continua aberto ao devir histórico e ao pensamento crítico.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Dialética negativa**. ISBN:978-8537801437. São Paulo: Zahar, 1 jun. 2009 [1966], 352 p.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos ideológicos de Estado**. [online] Pdf. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Biblioteca Universal Presença, abr. 1970, 120 p. Disponível em: <<https://politica210.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhos-ideolc3b3gicos-do-estado.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. In: LENIN e a Filosofia e outros ensaios. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANSART, Pierre. *Pour une histoire des sociologies de la morale*. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, 1990, 88:13-41 p. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/ANSPUH>>. Acesso em: 06 jun.2025.

\_\_\_\_\_. **Ideologias, conflitos e poder**. ASIN :B09DGJ2QMN, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1 jan. 1978, 276 p.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. ISBN:8533609361. Tradução Sérgio Bath. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1905-1983], 550 p. Disponível em: <<https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/aron-raymond-as-etapas-do-pensamento-sociologico-martins-fontes.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

BALIBAR, Étienne. *Citoyen Sujet et autres essais d'anthropologie philosophique*. EAN:9782130520023, *Collection: Pratiques théoriques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011, 536 p.

\_\_\_\_\_. *The Philosophy of Marx*. Idioma Inglês. ISBN:9781784786038, New York: Verso Books Edit., 3 jan. 2017, 240 p.

BRANDÃO, Iraê César. **A Dinâmica da Desigualdade e a Decadência Social: Entre a Gula das Elites e o Silêncio das Massas**. [online] Pdf. Recife: Even3 Publicações, 2025, Jun. 2, 20 p. Disponível em: <<https://doi.org/10.29327/7564671>>. Acesso em: 08 jun. 2025.

BRASIL ESCOLA. **Materialismo histórico**. [online] Pub. Brasil Escola – Sociologia-Materialismo. Goiânia: Rede *Omnia*, 2025, [n.p.]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/materialismo-historico.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2025.

BUTLER, Judith. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Idioma Inglês. ISBN:9780231159999. New York: Columbia University Press, 22 mai. 2012, 268 p.

CESARINI (PUBCRS), Leonardo Silva. **Um Olhar Sobre Hegel: Crítica da Razão Dialética de Jean Paul Sartre**. [online] Pdf. v. 1 n. 2, 2008, 188-200 p. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/intuitio/article/view/4043>>. Acesso em: 07 jun. 2025.

DESTUTT DE TRACY, Antoine Louis Claude. *Livre: Destutt de Tracy - Traité d'économie politique* [online]. Paris: Internet Archive, 1823, 358 p. Disponível em: <[https://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Destutt\\_de\\_Tracy\\_-\\_Traité\\_d'économie\\_politique.djvu](https://fr.wikisource.org/wiki/Livre:Destutt_de_Tracy_-_Traité_d'économie_politique.djvu)>. Acesso em: 08 de jun. 2025.

EAGLETON, Terry. **Porque é que Marx tinha razão**. ISBN:9789724423845. São Paulo: Edições 70, mar. 2021, 252 p.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. ISBN:9788593115035., Tradução: Coletivo *Sycorax*. São Paulo: Elefante, jul. 2017, 464 p.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. vol. 4, edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, 396 p.

GUTIERREZ, Gustavo Luis; & DE ALMEIDA, Marco Antonio Bettine. **Teoria da Ação Comunicativa (Habermas): estrutura, fundamentos e implicações do modelo**. [online] Pdf. v.58, n.1. Porto Alegre, jan./abr. 2013, p. 151-173.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la Acción Comunicativa*. Trad. Manuel Jiménez Redondo. Madrid: Taurus, 1988. v. I e II.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Tradução: Paulo Meneses. ISBN:9788532627698. 9ª ed., Petrópolis: Editora Vozes, 1 jan. 2014 [1807], 552 p.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Gallimard, 1947.

LACAN, J. A Identificação. In **O Seminário**. [online] [scribd]. livro 9, *L'identification*. Inédito, 1961-1962, 430 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/383437917/Seminario-9-A-Identificacao-Jacques-Lacan-pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

LÖWITH, Karl. **O sentido na história: os pressupostos teológicos da filosofia da história**. ISBN:9786557112458, Tradução de Luiz Philipe de Caux. São Paulo: Editora Unesp, 2014, 368 p.

LUDWIG, Ralf; & GIACHINI, Enio Paulo. **Fenomenologia do espírito**: Uma chave de leitura. ISBN: 978-8532654427. 1ª ed., [s.l.]: Editora Vozes, 1 jan. 2017, 224 p.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**. [online] Pdf. ISBN:8533619251, Tradução: Rodney Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1885-1971]. 1304 p. Disponível em: <<https://gekairos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/09/31812245-georg-lukacs-historia-e-consciencia-de-classe-estudos-sobre-a-dialetica-marxista.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2025.

MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**: Hegel e o Advento da Teoria Social. [online] Tradução de Marília Barroso. Coleção O Mundo, Hoje, v. 28, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, 413 p. Disponível em: <[https://www.academia.edu/43938554/Marcuse\\_Razão\\_e\\_revolução\\_Hegel\\_e\\_o\\_advento\\_da\\_teoriasocial](https://www.academia.edu/43938554/Marcuse_Razão_e_revolução_Hegel_e_o_advento_da_teoriasocial)>. Acesso em: 06 jun. 2025.

MARX, K. **O Capital** [Livro 1] (Nova Edição!): Crítica da Economia Política: o Processo de Produção do Capital. ISBN: 9786557172292. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013 [1867], 912 p.

\_\_\_\_\_. **O Capital**: Crítica da Economia Política, Livro I, Pós-fácio à 2ª edição alemã, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019

MARX, K.; & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. ISBN:9788575590737, Coleção: Marx & Engels, Tradução de Luciano Cavini Martorano, Nélcio Schneider, Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007 [1845-1846], 616 p.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica De La Razon Dialectica I**. Biblioteca de Obras Maestras del Pensamiento. Idioma: Espanhol. ISBN:9500393182. Buenos Aires: Edit. Losada, 1981 [1960].

TAYLOR, Charles. **Hegel**. Idioma Inglês. ISBN: 9780521291996. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1977, pp. xii, 596.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and Literature**. [online] Open Library. Reino Unido - Oxford: Oxford University Press, 1977. 224 p. Disponível em: <[https://openlibrary.org/books/OL22058564M/Marxism\\_and\\_literature](https://openlibrary.org/books/OL22058564M/Marxism_and_literature)>. Acesso em: 06 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Problems in Materialism and Culture**: Selected Essays. ISBN: 0860910288. 3. ed. London: Verso, 1980, viii, 277 p. Disponível em: <<https://lib.ugent.be/catalog/rug01:001224872>>. Acesso em: 05 jun. 2025.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. In: **Palavras-chave**. [online] Pdf. São Paulo: Boitempo, 2007, pp. 117-124. Disponível em: <<https://aulasdatahaisunitau.com/wp-content/uploads/2018/03/cultura.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2025.

ŽIŽEK, Slavoj. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético**. Tradução de Rogério Bettoni. ISBN: 9788575593165 São Paulo: Boitempo, 2013, 656 p.